

# **A PRÁTICA DE CAMPO COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO- PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE GEOGRAFIA: O caso do curso de Geografia da Universidade Federal Fluminense – Pólo de Campos dos Goytacazes-RJ**

Raul Reis Amorim<sup>1</sup>; Cláudio Henrique Reis<sup>2</sup>; Marcelo Werner da Silva<sup>3</sup>; Elis de Araújo Miranda<sup>4</sup>.

<sup>1</sup>Professor Adjunto do curso de Geografia do Departamento Geografia de Campos, Universidade Federal Fluminense (UFF) E-mail: [raul\\_reis@id.uff.br](mailto:raul_reis@id.uff.br)

<sup>2</sup>Professor Adjunto do curso de Geografia do Departamento Geografia de Campos, Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: [claudiohreis@gmail.com](mailto:claudiohreis@gmail.com)

<sup>3</sup>Professor Adjunto do curso de Geografia do Departamento Geografia de Campos, Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: [silvamw@yahoo.com.br](mailto:silvamw@yahoo.com.br)

<sup>4</sup>Professora Adjunta do curso de Geografia do Departamento Geografia de Campos, Universidade Federal Fluminense (UFF)E-mail: [elismiranda10@gmail.com](mailto:elismiranda10@gmail.com)

## **RESUMO**

O objetivo deste trabalho é avaliar as práticas de campo como instrumento didático-pedagógico na formação do profissional de Geografia, tanto na habilitação de bacharel como na habilitação de licenciado. Para cumprir tais objetivos, os docentes do curso de Geografia da Universidade Federal Fluminense, situado no Pólo Universitário de Campos dos Goytacazes tem realizado atividades de campo interdisciplinares, elencando diferentes roteiros e temáticas para cada turma, e aplicando diferentes mecanismos de avaliação. As atividades de práticas de campo estão sendo realizadas desde o segundo semestre do ano letivo de 2009, primeiro semestre letivo de 2010 e segundo semestre de 2010. Aspectos ligados à cartografia, aspectos urbanos, rurais, econômicos, demográficos e além de temas ligados à temática ambiental como aspectos geológicos, geomorfológicos, hidrológicos, climáticos e pedológicos foram abordados. Dentre os roteiros propostos, estudou-se o Litoral Norte do Espírito Santo, a Região Metropolitana de Belo Horizonte, a área ao entorno de Ouro Preto e o Parque Nacional da Chapada Diamantina. Verificou-se que as diferentes turmas obtiveram respostas diferenciadas às atividades propostas nas práticas de campo, assim sendo necessário adequar os mecanismos de avaliação para atender as especificidades de cada turma de discentes.

Palavras-chave: Geografia; Trabalho de campo; aprendizagem

## 1. Introdução

A discussão referente à temática ambiental tem ganhado projeção ampla ao longo das três últimas décadas, saindo do restrito meio acadêmico e passando a integrar as discussões da população em geral, o que muitas vezes causam equívocos na compreensão do que seja ambiente.

Christofoletti (1998) afirma que ao contextualizar a problemática ambiental, é necessária a utilização de conceitos definidos com precisão, com enunciados que permitam operacionalização através do uso de procedimentos analíticos e critérios de avaliação.

Assim, estudos com a perspectiva de uma análise integrada dos componentes da paisagem são fundamentais, pois a compreensão das relações existentes entre os elementos e as trocas de matéria e energia nos sistemas possibilita entender os processos atuantes na dinâmica e constituição dos diversos ambientes.

O trabalho de campo é uma ferramenta fundamental na compreensão da dinâmica das paisagens, pois o pesquisador pode mensurar e identificar as inter-relações existentes entre cada componente da paisagem, e como estes interagem na formação dos sistemas. Mattos e Perez Filho (2004), baseados nos escritos de Morin (1977) afirmam que a inter-relação entre os novos elementos de um sistema, propiciam o surgimento de novas características que inexisteriam caso estes elementos fossem considerados isoladamente. São as chamadas propriedades emergentes, das quais deriva o famoso enunciado de que *“o todo é superior à soma de suas partes”* (MORIN, 1977, p. 108). Por outro lado, restrições são impostas aos elementos para garantir a organização do sistema: nem todas as potencialidades que os elementos poderiam exibir isoladamente são exercidas quando eles estão agrupados e interagindo para formar um sistema; da mesma forma, apenas uma parte de todas as ligações e arranjos possíveis entre os elementos é realizada dentro de um sistema. Essas limitações impostas pela organização do sistema, que para garantir o funcionamento do todo restringe as qualidades das partes e as potencialidades presentes no sistema, levam a um enunciado menos conhecido: *“o todo é inferior à soma de suas partes”* (MORIN, 1977, p.109).

Vale ressaltar que o Trabalho de Campo requer todo um subsídio teórico, que possibilite uma interpretação da realidade observada pautada em teorias, hipóteses e/ou leis científicas, não fundamentando suas interpretações simplesmente em aspectos empíricos. A aplicação da Teoria Geral dos Sistemas e de uma concepção geossistêmica

da paisagem serve como fundamento teórico-metodológico nos estudos ligados à temática ambiental.

Assim, a utilização do trabalho de campo como um instrumento de pesquisa já é comprovado e necessário nas diversas áreas do conhecimento, e em especial na área das ciências ambientais. Os profissionais ligados à área de pesquisa ou a área de ensino que estão diretamente vinculados à temática ambiental, tem no Trabalho de Campo um instrumento didático para visualização e representação dos diversos fenômenos situados na superfície terrestre.

Diante do exposto, este trabalho destaca a importância que os Trabalhos de Campo apresentam na formação dos diversos profissionais, em especial do futuro professor de Geografia, tratar da temática ambiental no contexto local, regional, nacional e global, apreendendo a dinâmica e estrutura dos processos atuantes na organização espacial destacando os diferentes graus de complexidade na sua constituição.

Desta forma, o objetivo deste trabalho é avaliar como a realização do trabalho de campo contribui para a formação de futuros profissionais de ensino na área ambiental, objetivando analisar na prática problemas ambientais decorrentes da dinâmica dos sistemas naturais e os acentuados pela dinâmica antrópica.

A ideia deste trabalho é propor a utilização das áreas costeiras como cenário para as discussões da temática ambiental, pois a interação oceano x continente, atreladas aos diferentes tipos de ocupação das faixas costeiras, tornam esses ambientes áreas de análise bastante complexas. Outro objetivo deste trabalho foi testar diferentes formas de avaliação para com os discentes em atividades de campo, bem como verificar a melhor forma de interação da relação ensino x aprendizagem.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A metodologia aplicada na abordagem das temáticas foi subsidiada pela abordagem sistêmica, que considera ambiente os processos de interação entre os componentes dos sistemas naturais e os sistemas antrópicos (PEREZ FILHO, 2007).

A elaboração dos roteiros e a execução das aulas práticas tiveram quatro etapas: Elaboração do roteiro de estudo Levantamento bibliográfico, Levantamento cartográfico, , execução da aula prática e proposta de avaliação do conteúdo apreendido.

Este trabalho está relatando as experiências de trabalho de campo realizados entre os anos de 2009 e 2010 no curso de Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF)/Pólo de Campos dos Goytacazes (PUCG).

O levantamento bibliográfico foi uma etapa que exigiu a consulta de teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso, trabalhos técnicos, artigos de periódicos científicos e documentos locais sobre as áreas em estudo. A consulta bibliográfica correlacionada ao levantamento do material cartográfico possibilitou entender a dinâmica e evolução dos processos atuantes na constituição das diferentes ambientes encontrados nos diferentes roteiros.

De posse do inventário do quadro natural e levantamento dos processos relacionados à evolução do uso e ocupação das terras de cada uma das áreas selecionadas, foram elaborados roteiros de visitas técnicas para cada turma, baseado nos conteúdos programáticos selecionados para discussão.

A forma de interação entre os alunos e a área proposta deu-se através de exposição dialogada, do uso de debates sobre a dinâmica da paisagem vigente, apresentação de seminários e identificação de problemas ambientais e das sugestões de propostas para cada problema.

As formas de avaliação das atividades de campo foram adaptadas segundo as necessidades de cada turma. À medida que a equipe de docentes identificava lacunas no planejamento do trabalho de campo eram propostas alterações para as turmas subsequentes.

O trabalho teve início com a turma de 2009, que foram avaliados através da elaboração de relatórios técnicos após o trabalho de campo. A turma de 2010 – primeiro semestre – apresentou relatório técnico-científico sobre a área estudada, anexando documentação cartográfica e referências bibliográficas de teses, dissertações, livros, artigos de periódicos, congressos e relatórios técnicos. As turmas de 2010 segundo semestre – a avaliação baseou-se em um estudo dirigido proposto para cada temática e que deveria ser respondido *in locu*, após a exposição-dialogada da temática, abríamos para o debate a respeito dos processos atuantes na paisagem, era feito um breve diagnóstico dos problemas ambientais, e a proposição de soluções.

## **ROTEIROS DE CAMPO E ASPECTOS AMBIENTAIS ESTUDADOS**

O primeiro roteiro proposto foi testado na turma de primeiro período envolvendo as disciplinas de Geologia e Sociedade e Natureza. O destino escolhido para a

realização do trabalho de campo foi o litoral sul do Estado do Espírito Santo. O objetivo geral desta atividade de campo tinha como objetivo estudar o ciclo das rochas e utilizou o cenário da região para exemplificar os processos e mecanismos para a gênese das rochas ígneas, metamórficas e sedimentares. Além de analisar os aspectos referentes ao quadro natural, também analisou-se as diferentes formas de uso e ocupação Litoral Sul do Espírito Santo.

Como primeira experiência de um curso recém-constituído, a atividade de campo foi um exercício de aprendizagem tanto para os docentes como para os discentes. Para os docentes, o mais complicado foi a logística na elaboração da atividade de campo: os trâmites legais no que refere-se a transporte, hospedagem, solicitações para as visitas etc. Para os discentes, a inexperiência em atividades de campo, os deixou inseguros, no primeiro momento, intimidando-os no que refere-se a interação com os docentes.

No que refere-se a avaliação, propôs-se a elaboração de um relatório de campo. As orientações para a elaboração do relatório foram propostas segundo Venturi (2009). Talvez por se tratar de uma turma de primeiro semestre, esta proposta de avaliação não obteve o êxito esperado pelos docentes. Os docentes identificaram os seguintes problemas na elaboração do relatório: (a) deficiências em redação técnica; (b) reprodução de relatórios técnicos, ou seja, a transcrição literal de textos científicos, sem implicar a sua interpretação; (c) falta de estrutura acadêmica do relatório, onde discentes, mesmo com as orientações dos docentes, não respeitaram normatizações de citação e referências bibliográficas.

O segundo roteiro proposto no primeiro semestre do ano letivo de 2010, englobou as disciplinas Sociedade e Natureza, Geologia, Geomorfologia Geral e Cartografia Básica. O destino escolhido foi as cidades de Ouro Preto e Mariana (MG) e a Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG).

O objetivo do trabalho de campo era ilustrar os aspectos morfoestruturais do relevo do Estado de Minas. O cenário é bastante didático, no que refere-se a exemplificação de formas de relevo derivadas de dobras e falhas além do relevo cárstico.

Outro ponto interessante foi correlacionar o processo de ocupação e expansão urbana a ciclos de atividades econômicas distintas: primeiro o ciclo do ouro que proporcionou a região de Ouro Preto a construção de um riquíssimo patrimônio histórico-cultural que atualmente serve de atrativo para atividades turísticas.

As atividades de campo dividiram-se em dois momentos: o primeiro, caminhadas pela gruta de Maquiné na Região Metropolitana de Belo Horizonte e uma trilha a Cachoeira da Farofa na Serra do Cipó. O segundo momento, restringiu-se as cidades de Ouro Preto, onde visitou-se o centro histórico e o museu de mineralogia, a cidade de Mariana, onde visitamos uma mina de exploração de ouro e realizamos uma trilha no Parque do Itacolomi e na cidade de Congonhas, visitamos o centro histórico, onde estão as estátuas esculpidas em rocha pelo escultor do barroco brasileiro "o Aleijadinho".

Na tentativa de aperfeiçoar as propostas de avaliação e melhorar a aprendizagem dos discentes foram propostas atividades diversas como a confecção de croquis, a realização de seminários em campo além da elaboração de um relatório de campo.

Observou-se que a turma apresentou um maior rendimento na proposta de avaliação, ainda apresentando algumas limitações no que tange a redação científica, mas compreensíveis para uma turma de 2º semestre do curso de Geografia.

A terceira proposta de trabalho de campo objetivava levar a turma para uma área geográfica que apresentasse um maior contraste entre a sua vivência, a Região Norte Fluminense. Pensando nesta questão, os docentes da disciplinas Geomorfologia Continental e Hidrogeografia executaram uma proposta de trabalho de campo em outro sistema climático: o semiárido brasileiro. E como destino elegeu-se duas áreas: a região de Milagres, área com vasta área de pedimentos, pediplanos e inselbergues e a porção central da Chapada Diamantina, que abrange os municípios de Lençóis, Palmeiras, Iraquara e Seabra.

A área, sem dúvida chamou bastante atenção dos discentes, principalmente pela paisagem bastante contrastante com o habitual bioma de Mata Atlântica. Outro ponto que chamou atenção dos alunos foi a evidência dos processos geomorfológicos evidentes na área, tanto no aspecto morfoestrutural como também no aspecto morfoescultural. Os vestígios de processos marinhos, fluviais e glaciais na região tornam esta região do território brasileiro um laboratório para aulas de Geomorfologia.

As atividades exigiam esforço físico dos docentes e discentes, pois as caminhadas com sol a pino exigiam preparo físico e constante hidratação. No que tange a avaliação, foi proposto um estudo dirigido, individual, feito ainda em campo. A ideia é que cada aluno pudesse transcrever as suas impressões e interpretações, sem buscar a consulta de materiais e relatórios técnicos, evitando assim a simples transcrição. A proposta de avaliação foi considerada satisfatória para os discentes e docentes e o rendimento foi considerado elevado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O território brasileiro é um laboratório diverso para a realização de trabalhos de campo. A adoção de uma abordagem sistêmica se mostrou eficiente em decorrência de dois fatores: Primeiro, porque a compreensão das partes na busca de entender o todo realizou-se de maneira dinâmica, através da leitura das diferentes paisagens. Estas propostas de trabalho, testadas ao longo dos três semestres aqui analisados, tem se mostrado eficaz para alunos e professores. Os resultados obtidos com os futuros geógrafos mostrou que a prática de campo é um instrumento fundamental na compreensão dos diversos fenômenos que ocorrem no ambiente, e que sua visualização *In locu* facilita a abordagem nas práticas pedagógicas.

Verificou-se entre as três propostas de avaliação, que a realização de estudos dirigidos é a mais eficiente, pois os discentes concebem simplesmente o que conseguiram abstrair da prática de campo, enquanto a realização de seminários e a elaboração de relatórios técnicos fizeram com que alunos reproduzissem apenas o que leram em bibliografia especializada, ou seja, não conseguiram realizar a contento a relação teoria x prática.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHRISTOFOLETTI, A. **Modelagem de sistemas ambientais**. São Paulo: Edgar Blücher, 1998.

MATTOS, S. H. V. L.; PEREZ FILHO, A. Complexidade e estabilidade em sistemas geomorfológicos: uma introdução ao tema. **Revista Brasileira de Geomorfologia**. Uberlândia (MG). n. 1. 2004. 11-18p.

MORIN, E. **O método: a natureza da natureza**. Lisboa. Publicações Europa-América, 1977. (Coleção Biblioteca Universitária).

PEREZ FILHO, A. Sistemas naturais e Geografia. In: SILVA, J. B.; LIMA, L. C. ELIAS, D. (org.) **Panorama da Geografia Brasileira I**. São Paulo: Annablume, 2007. 333-336p.

VENTURI, M. A. Relato do trabalho de campo. In: VENTURI, L. A. B. **Praticando Geografia: técnicas de campo e laboratório**. São Paulo: Oficina de Texto, 2009. 225-238p.